

RAZÃO E VIOLÊNCIA: NOTAS SOBRE A CRISE DA FILOSOFIA MODERNA

*Humberto Aparecido de Oliveira Guido**

RIASSUNTO

Nostro proposito è la presentazione della prossimità concettuale tra la *Teoria Critica* di Horkheimer e la *Scienza Nuova* di Vico. Il saggio "Vico e la Mitologia" di Horkheimer è il fondamento delle considerazioni sulla crisi del pensiero moderno. Nostra indagine ricade sulla dominazione della natura, elemento centrale della critica di Horkheimer alla scienza ed alla società moderna. Vogliamo mettere in evidenza la contribuzione di Vico per fare, dialetticamente, che il pessimismo metafisico di Horkheimer possa ispirare l'ottimismo per affrontare le successive barbarie del nostro tempo.

RESUMO

Nosso propósito é a apresentação da proximidade conceitual entre a *Teoria Crítica* de Horkheimer e a *Ciência Nova* de Vico. O ensaio de Horkheimer, "Vico e a Mitologia", é o fundamento das considerações sobre a crise do pensamento moderno. Nossa análise recai sobre a dominação da natureza, elemento central da crítica de Horkheimer à ciência e à sociedade moderna. Queremos evidenciar a contribuição de Vico para que, dialeticamente, o pessimismo metafísico de Horkheimer possa inspirar o otimismo histórico diante das sucessivas barbáries do presente.

* Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências sociais da Universidade Federal de Uberlândia.

“Resumindo, somos os herdeiros, para melhor ou pior, do Iluminismo e do progresso tecnológico. Opor-se aos mesmos por um regresso a estágios mais primitivos não alivia a crise permanente que deles resultou. Pelo contrário, tais expedientes nos conduzem do que é historicamente racional às formas mais horrendamente bárbaras de dominação social.”

Max Horkheimer¹

As palavras de Horkheimer em epígrafe trazem mesclados o pessimismo e o otimismo da Modernidade. O conjunto dos escritos da Teoria Crítica redigidos durante a década de 30 aponta mais na direção do pessimismo; a encruzilhada e os seus caminhos conduzem o mundo ocidental a um único destino: a barbárie. O realismo com que Horkheimer enfrentou as crises do século XX já lhe garante o lugar entre os “heróis do pensamento”², fazendo de sua obra uma referência privilegiada para a reflexão sobre a Modernidade.

Queremos nesta ocasião nos reportar à crise da Modernidade; evitaremos aqui a leitura tradicional, que comumente ressalta apenas o pessimismo da Teoria Crítica, tentaremos nestas páginas discutir os desdobramentos da opção pelo “historicamente racional”. Tal expediente evita que a interpretação do pessimismo pós-moderno acabe redundando em “formas mais horrendamente bárbaras de dominação social”. O nosso propósito é, também, o de elucidar a influência que Vico (1668-1744) exerceu sobre o jovem Max Horkheimer e que mais tarde, mesmo quando não citado, ocupou um lugar de referência na crítica ao esclarecimento, tal como aparece no Horkheimer da maturidade — seja no *Eclipse da Razão* concluído em 1946, seja na *Dialética do Esclarecimento* (1947) em parceria com T. Adorno (1903-1969).

No prefácio de 1968 para a reedição dos escritos da década de 30, reunidos sob o título *Teoria Crítica*, Horkheimer reitera a sua

¹ M. Horkheimer. A revolta da natureza. In *Eclipse da Razão*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil. p. 138.

² A expressão é empregada por Hegel nos seus vários escritos propedêuticos.

dívida para com o pessimismo metafísico de Schopenhauer (1788-1860)³. Este reconhecimento não pode ser tomado mediante a exclusão de outras influências. Além de Schopenhauer outros filósofos serviram para a formulação da teoria crítica da sociedade industrial; é inegável a influência de Marx (1818-1883) em contraposição ao idealismo de Hegel (1770-1831). O mesmo procedimento metodológico foi utilizado por Horkheimer para a compreensão dos primórdios da filosofia moderna: Vico é decisivo para o embate com o cartesianismo – do passado e do presente. Ainda na perspectiva dialética da oposição–refutação, a figura de Vico possui uma tendência ao pessimismo em virtude da sua concepção cíclica da história, mas, em contrapartida, este pessimismo se converte no otimismo metafísico, isto porque a barbárie foi para Vico a possibilidade do recomeço, a partir de uma nova ordem social “historicamente racional” que põe fim à dominação vigente.

Vejam a apresentação de Vico feita por Horkheimer na célebre tese de habilitação de 1929:

“Vico, nascido em 1668 em Nápoles, ali veio a falecer em 1744. Este homem, quase totalmente desconhecido em vida, primeiramente professor particular e depois miserável professor de retórica na Universidade de Nápoles, um piedoso católico e um pequeno burguês revela-se, na realidade, não só como um dos maiores filósofos da história, mas igualmente como um sociólogo e psicólogo importante e original. A juntar tudo isto foi um renovador da filologia, fundou a filosofia da arte e possui um jeito especial para grandes contextos culturais, nunca visto durante toda a sua vida, nem sequer nos séculos que se seguiram.”⁴

O pensamento filosófico de Vico teve importância para

³ Nos diz Horkheimer: “À obra de Schopenhauer devo meu primeiro contato com a filosofia”, In *Teoria Crítica I*, tradução de Hilde Cohn, São Paulo: Perspectiva/Edusp. 1990, p. 4.

⁴ Horkheimer, M. Vico e a Mitologia. In *Origens da Filosofia Burguesa da História*. Tradução de Maria M. Morgado. Lisboa: Editorial Presença, 1984. p. 91/92.

Horkheimer principalmente pela obstinada oposição que o filósofo napolitano fazia ao cartesianismo em pleno começo do Século das Luzes. Enquanto Espinosa (1632-1677) e Leibniz (1646-1716) tecem as suas críticas a Descartes no mesmo terreno analítico e matemático, Vico, por seu turno, esteve empenhado em demonstrar a distância entre o pensamento geométrico e o conhecimento da realidade social de onde todas as ciências e as artes são forjadas; para Horkheimer, é evidente que na obra de Vico “a discussão com Descartes é a discussão sobre a pergunta se a matemática será o único conhecimento verdadeiro e ao mesmo tempo, se o pensamento matemático será a verdadeira expressão da essência do homem”⁵.

O estudo da mitologia empreendido por Vico foi a base para a investigação histórica sobre a verdadeira origem da sociedade civil e, com ela, o nascimento da filosofia. O mito é o produto da imaginação criativa do primitivo que é capaz de interpretar a natureza como algo que lhe é exterior, contudo, a representação da natureza sob a forma do mito conserva intacta a substância das forças naturais, ou seja, a consciência mito-poética do primitivo não promove a desnaturalização da natureza.

Um dos temas centrais da reflexão de Horkheimer, seja nos escritos da década de trinta, seja nos escritos da segunda metade da década de quarenta, é a dominação da natureza. As conseqüências de tal dominação se voltam contra o próprio sujeito moderno. Este tema está presente tanto na *Dialética do Esclarecimento* – livro escrito em parceria com Adorno (1903-1969), quanto no *Eclipse da Razão*. Em um escrito de 1932 – Observações sobre ciência e crise – a posição de Horkheimer ainda é otimista em relação à ciência moderna, vendo-a, inclusive, como o conjunto de “forças que lutam por uma melhor estruturação das condições humanas, sobretudo o próprio pensamento racional e científico”⁶. A ciência é a verdadeira *práxis* social e a crise da ciência moderna é o sintoma mais visível da crise geral do mundo ocidental – o mundo capitalista. Tal posição evidencia a crítica formulada por Horkheimer que exclui o irracionalismo como uma

⁵ Ibid., p. 92/93.

⁶ Horkheimer, M. Observações sobre ciência e crise. In *Teoria Crítica I*, p. 8.

possível resposta para a crise da ciência moderna⁷.

Após o término da Segunda Guerra Mundial, ficava evidente, para Horkheimer, que os progressos da ciência dos modernos haviam consolidado uma nova forma de irracionalismo, isto porque a razão instrumental e o Estado administrado reproduzem continuamente a dominação da natureza exterior e interior. De acordo com Horkheimer: "O ser humano, no processo da sua emancipação, compartilha o destino do resto do seu mundo. A dominação da natureza envolve a dominação do homem"⁸. Este diagnóstico se aplica a toda sociedade histórica, desde as formas mais precárias de organização social até a hodierna sociedade complexa. Neste ponto, preparatório à crítica do desencantamento do mundo promovido pelo esclarecimento, está presente a tese de Vico, segundo a qual a *praxis* social não deve ter por finalidade a dominação da natureza; M. Jay afirma que Vico "ao insistir sobre a subjetividade do homem, preservava a potencialidade da subjetividade da natureza"⁹.

A definição tradicional de história vincula o seu início à ação do homem sobre a natureza, o dualismo clássico aponta para a historicidade do homem e, conseqüentemente, para a ausência de uma história da natureza. Pelo fato de não ter história, a natureza é vista como um corpo destituído de vontade própria que deve ser dominado e disciplinado pelo sujeito histórico universal. Porém, a ordem capitalista acabou fazendo deste sujeito universal do idealismo moderno um mero ego abstrato que, ao ter se dado conta de que é uma coisa que pensa, busca incansavelmente a sua autoconservação à custa da subjugação da natureza exterior.

Na *Dialética do Esclarecimento*, Horkheimer e Adorno afirmam

⁷ Esta observação é uma das muitas contribuições do Prof. Rafael Cordeiro Silva ao meu trabalho sobre a proximidade conceitual entre Vico e Horkheimer. Agradeço-lhe os comentários e sugestões, que foram de extrema valia para as considerações aqui presentes.

⁸ Horkheimer, M. A revolta da natureza. In *Eclipse da Razão*. p. 104.

⁹ "Al insistir sobre la subjetividad del hombre, preservaba la potencialidad de la subjetividad de la naturaleza." M. Jay. *La imaginación Dialéctica*, historia de la Escuela de Francfort y del Instituto de Investigación Social. Madri: Taurus, 1974. p.416.

que a ciência emancipada alcança o seu intento, ou seja, a dominação da natureza exterior; no entanto, esta dominação volta-se contra o próprio indivíduo por ele acreditar que a sua liberdade só será alcançada quando nada mais lhe for desconhecido, experimentando no seu esclarecimento a angústia mítica¹⁰. Para Adorno e Horkheimer,

“O processo técnico, no qual o sujeito se coisificou após sua eliminação da consciência, está livre da plurivocidade do pensamento mítico bem como de toda significação em geral, porque a própria razão se tornou um mero adinículo da aparelhagem econômica que tudo engloba.”¹¹

Horkheimer encontrou na *Ciência Nova*¹² a vinculação da natureza com a história, porque, para Vico, o que confere historicidade para a *praxis* social é, primeiramente, a interpretação dos fenômenos naturais; tal interpretação resulta da projeção do homem sobre a natureza, este é o verdadeiro “início da civilização”¹³. Para Vico, o homem primitivo acreditava que a natureza falava com ele, pois se tratava de indivíduos simples e rudes, que “por engano de suas fantasias muito robustas acreditaram verdadeiramente ver os deuses na terra”, porém, aquilo que tais indivíduos viam nascia da única capacidade de que dispunham, “a de poder usar a razão e a mente humana”¹⁴.

¹⁰ Adorno, T. & Horkheimer, M. *Dialética do Esclarecimento*, fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. p. 29.

¹¹ *Ibid.*, p.41/42.

¹² Horkheimer utilizou a tradução alemã elaborada por Auerbach a partir da edição de 1744 da obra de Vico, *Principi di Scienza Nuova*.

¹³ Horkheimer, M. Vico e a Mitologia. p. 98. Cf. Vico, G. *Principi di Scienza Nuova* (SN44). Milão: Arnoldo Mondadori, 1997, p. 3 e ss.

¹⁴ “(...) i primi uomini del gentilesimo, semplici e rozzi, per forte inganno di robustissime fantasie, tutte ingombre da spaventose superstizioni, credettero veramente vedere in terra gli dèi (...) per questo stesso non avevan altro che la sola facoltà, e pur tutta stordita e stupida, di potere usare l’umana mente e ragione.” Vico, G. *SN44*, p. 5/6.

Apesar da fragilidade de tal primeiro pensamento humano, Vico foi enfático ao afirmar que as primeiras projeções do homem sobre a natureza resultaram da sua razão embotada e não de alguma força sobrenatural. Aquilo que os homens fizeram e fazem são verdades históricas, cuja objetividade é maior que a exatidão da geometria, porque esta última é uma ficção da mente humana que organiza o universo com linhas e figuras forjadas pela mesma razão que um dia viu os deuses na terra. Os juízos analíticos e os juízos sintéticos decorrem da matematização do mundo e do pensamento. Contudo, o formalismo da lógica filosófica, para se manter no nível do racional, não pode anular o conhecimento histórico produzido pela vida prática, pois todas as construções da razão humana são monumentos históricos. Esta clareza contida na obra de Vico foi interpretada por Horkheimer com as seguintes palavras: “para Vico a mitologia era uma necessária pré-forma primitiva de conhecimento, da qual originou a nossa ciência, estando igualmente subordinada a uma posição social, à semelhança do tipo de espiritualidade da nossa moderna civilização”¹⁵.

Outro mérito da leitura de Horkheimer é que ela não resultou em uma interpretação idealista do pensamento de Vico; no início do século XX era comum a interpretação idealista promovida por B. Croce (1866-1952). As considerações feitas por Horkheimer situam Vico na perspectiva do historicismo moderno, que não pode ser tomado fora do contexto moderno dos séculos XVII e XVIII, isto é, a nova concepção de história está, paradoxalmente, vinculada ao racionalismo da época. A interpretação idealista acaba por identificar na obra de Vico o apelo à repetição do sempre idêntico. Vico, ao contrário, deixou muito claro em seu trabalho que não há repetição dos eventos históricos; existe, desde o primeiro mito, uma marcha histórica e progressiva da sociedade. A idéia de progresso comporta também a idéia de queda, o risco de uma nova barbárie. A visão cíclica da história está assentada nas condições humanas e não na repetição do sempre igual, como se não houvesse “nada de novo debaixo do céu”. A investigação empírica evidenciou para Vico algumas regularidades do comportamento

¹⁵ Horkheimer, M. Vico e a Mitologia. p. 100.

humano, que, independente da cultura e da ciência de uma determinada época, apontam para a mesma essência humana, que em todos os momentos da vida e da história identificam o homem como um ser racional e, ao contrário da natureza, capaz de criar o seu próprio mundo. Sobre a relevância da pesquisa histórica de Vico encontramos o seguinte comentário de Horkheimer:

“Pela primeira vez, consciente e expressamente, Vico reconhece a analogia dos povos historicamente primitivos com aqueles que ainda viviam contemporaneamente, bem como a identidade de mentalidade dos primitivos e das crianças, portanto a correspondência da ontogênese e filogênese humanas.”¹⁶

O mundo histórico é o resultado do livre-arbítrio; as situações primitivas de subordinação às forças da natureza, gradativamente, vão dando lugar a uma nova ciência que tem por finalidade o conhecimento racional da natureza exterior e interior. Historicamente Vico pôde constatar que o desenvolvimento unilateral da cultura acaba conduzindo uma nação - ou até mesmo a humanidade - para as fronteiras de novas barbáries. Tal fato resulta do esquecimento do estágio original da história, ou seja, da primeira barbárie. Para Vico, é fundamental que os homens tenham memória daquilo que os conserva em sociedade. A alienação da ciência é o esquecimento da essência humana.

Horkheimer viveu um tempo em que falar da essência humana soava anacrônico, era como se colocar para fora das fronteiras do mundo moderno. O esclarecimento, justamente por desconhecer aquilo que já estava presente na mitologia, não é capaz de evitar uma nova barbárie. É neste contexto de crítica à alienação da Modernidade que o filósofo napolitano se torna atual para Horkheimer, pois Vico, antes de Marx, acreditou que “as idéias espirituais, características de um período, surgem do processo de vida social, no qual a natureza e o homem se encontram em ação recíproca”¹⁷. A reciprocidade entre o

¹⁶ Ibid., p.101.

¹⁷ Ibid., p. 101.

homem e a natureza, presente na barbárie e que se perdeu nos períodos de esclarecimento, é o elemento que confere sentido humano à história e à ciência. O esclarecimento, desde Kant (1724-1804) a grande esperança do ocidente, acarretou a alienação tanto da natureza quanto do homem; a sociedade industrial acabou coisificando o espírito para poder se conservar e reproduzir¹⁸.

Em seu tempo, Vico também já se posicionava temerário aos desdobramentos da ciência cartesiana. Ele reconheceu sem contestação o progresso alcançado em tão pouco tempo com a nova física, porém, ao contrário da atmosfera do seu tempo, não evitou fazer as suas críticas aos sinais muito tênues da vulnerabilidade da nova ordem do mundo. Em escritos anteriores à *Ciência Nova*, e que provavelmente não foram lidos por Horkheimer, Vico faz um balanço da cultura científica do século XVII, enaltece as conquistas trazidas pela nascente tecnologia a serviço do homem. Em contrapartida, Vico enumerou também os inconvenientes advindos da ciência dos modernos¹⁹.

Aquilo que os homens têm de imutável – independente do tempo e do lugar – é a capacidade de raciocinar; a posse da razão faz os homens serem sociáveis. O “historicamente racional” é a única possibilidade para se evitar uma nova barbárie. No seu tempo, Vico atacou o modelo de educação inspirado na ciência cartesiana. A formação científica deveria ser o coroamento da juventude; porém, para que a consciência científica não venha acarretar o estranhamento do homem consigo mesmo, o que inevitavelmente decretaria o estranhamento do eu em relação ao outro e à natureza, se faz necessário que os adolescentes recebam uma formação que lhes coloquem em contato com a vida prática.

O currículo de Vico soava anacrônico para o seu tempo, pois ele insistia nas disciplinas humanistas: história, poesia, retórica, geometria; contudo, a educação deveria evitar a presunção e a falsa erudição dos doutos; o senso comum é a verdade histórica de uma cultura, demonstra a sua gênese e constituição, cuja identidade se

¹⁸ Adorno, T. & Horkheimer, M. *Dialética do Esclarecimento*. p. 40.

¹⁹ Cf. Vico, G. Il metodo degli studi del tempo nostro. In *Opere*. Milão/Nápoles: Riccardo Ricciardi, 1953. p.175.

mostra nas mudanças históricas. Por este motivo, Vico defendeu uma formação humanista para a infância e adolescência, porque – acreditava ele – não se deve fazer violência à mente infantil, para que ela não venha a envelhecer precocemente:

“Estes inconvenientes evitavam os antigos, que quase unanimemente consideravam a geometria como a lógica das crianças. A exemplo dos médicos, os quais se inclinam para onde se volta a natureza, os antigos transmitiam às crianças uma ciência que não se aprendia com precisão sem um esforço vigoroso de imaginação: porque sem fazer nenhuma violência à natureza e por obra dos sentidos e lentamente, se acostumavam, conforme a índole da idade, ao raciocínio.”²⁰

Nos sucessivos trabalhos de Vico, publicados durante a primeira metade do século XVIII, está presente a insistência na não violência contra a mente das crianças, possibilitando-lhes o aprendizado em sintonia com o mundo histórico-social, para que desde cedo a essência humana seja apreendida, “conforme a índole da idade”, e que mais tarde, o jovem e o adulto tenham consciência de que o processo civilizador resulta das condições materiais da vida prática²¹. Associada ao risco da violência à mente infantil, outra preocupação se fez presente nos escritos de Vico e, também aqui, notamos uma sintonia entre Horkheimer e o filósofo napolitano; trata-se da refutação do *cogito*, não apenas pelo seu psicologismo, mas principalmente pelo caráter individualista e anti-histórico desta idéia clara e distinta. Os conceitos e os princípios se originam no interior do todo social e não da mente privilegiada de um indivíduo

²⁰ “Codesti inconvenienti evitavano gli antichi, che quasi tutti tenevano la geometria quale la logica dei fanciulli. A imitazione dei medici, i quali inclinano dove volge la natura. gli antichi comunicavano ai fanciulli una scienza la quale non può essere appresa con precisione senza uno sforzo vigoroso d’immaginazione: perché, senza fare alcuna violenza alla natura, anzi per opera dei sensi e pianamente, si assuefacessero, conforme l’indole dell’età, al ragionamento.” Ibid., 177/178.

²¹ Horkheimer, M. Vico e a Mitologia. p. 105.

fechado em sua subjetividade.

Vico se empenhou na reforma educacional da época. Sua proposta era a revitalização das disciplinas clássicas com o resgate do seu conteúdo histórico. Embora estivesse temeroso quanto à nova barbárie — a pior de todas, a barbárie da reflexão²² — Vico manifestou o seu otimismo na capacidade de superação demonstrada pelo homem ao longo da história da humanidade. É esta centelha de otimismo metafísico que acreditamos ter movido Horkheimer a concluir em favor do “historicamente racional” a sua *Crítica da Razão Instrumental*. Apesar das angústias vivenciadas ao longo do século que finda, em abril de 1968, Horkheimer — assim como Vico um dia, aos 64 anos — manifestava ainda o seu ânimo juvenil:

“Não poucos dos meus impulsos são os mesmos da juventude atual: anseio pelo melhor, por uma sociedade justa, relutância na aceitação do existente. Compartilho também dos escrúpulos contra a forma de educação nas escolas, no ensino superior e nas universidades. A diferença reside na conduta frente à violência, que na sua impotência faz arranjos com os antagonistas. A bem da verdade, a mim me parece porém imprescindível frisar, abertamente, que a problemática da

²² “(...) por tudo isto, com obstinadas facções e desesperadas guerras civis, [os homens] fazem das cidades selvas, e das selvas covis humanos; e, de tal maneira, em longos séculos de barbárie vão arruinar as incipientes sutilezas dos engenhos maliciosos, que se tornaram mais ferinos com a barbárie da reflexão do que haviam sido na barbárie do sentido. Porque aquela [barbárie do sentido] descobria uma ferinidade generosa, da qual os outros podiam se defender, ou sobreviver ou ainda se evitar, mas esta [barbárie da reflexão] com uma ferinidade vil, nas lisonjas e nos abraços arruina a vida e os destinos dos seus confidentes e amigos.” (per tutto ciò, con ostinatissime fazioni e disperate guerre civili, vadano a fare selve delle città, e delle selve covili d’uomini; e, ‘n cotal guisa, dentro lunghi secoli di barbarie vadano ad irruginare le malnate sottigliezze degl’ingegni maliziosi, che gli avevano resi fieri più immani con la barbarie della riflessione che non era stata la prima barbarie del senso. Perché quella scuopriva una fierezza generosa, dalla quale altri poteva difendersi o campare o guardarsi; ma questa, con una fierezza vile, dentro le lusinghe e gli abbracci, insidia alla vita e alle fortune de’ suoi confidenti ed amici) Vico, G. *Principi di Scienza Nuova*. p. 509.

democracia, apesar de todas as suas falhas, sempre é melhor do que a ditadura, a que levaria hoje a subversão.”²³

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adorno, T. & Horkheimer, M. *Dialética do Esclarecimento*, fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

M. Horkheimer. A revolta da natureza. In *Eclipse da Razão*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil.

_____. *Teoria Crítica I*. Tradução de Hilde Cohn. São Paulo: Perspectiva / Edusp, 1990.

_____. Vico e a Mitologia. In: *Origens da Filosofia Burguesa da História*. Tradução de Maria M. Morgado. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

M. Jay. *La imaginación Dialética*, historia de la Escuela de Francfort y del Instituto de Investigación Social. Madri: Taurus, 1974.

Vico, G. Il metodo degli studi del tempo nostro. In *Opere*. Milão/Nápoles: Riccardo Ricciardi, 1953.

_____. *Princìpi di Scienza Nuova* (SN44). Milão: Arnoldo Mondadori, 1997.

²³ Horkheimer, M. Prefácio para a reedição. In *Teoria Crítica I*. p. 3.